

A Dominação Masculina: contextualização, receção, crítica e dinamização do legado de uma obra

Yasmine Siblot

Muito obrigado por este convite, em especial a Virgílio Borges Pereira. É para mim uma honra participar neste ciclo de conferências de homenagem a Pierre Bourdieu no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, um lugar onde a sua sociologia tem sido aplicada de forma muito viva e no âmbito de uma análise muito rigorosa e inventiva das relações de dominação em Portugal, e da sua evolução.¹

Foi uma surpresa para mim ser convidada para falar sobre *A Dominação Masculina*, que é um livro bastante invulgar na obra de Bourdieu, porque foi um enorme sucesso comercial, mediático e político, mas também suscitou críticas académicas fortes. Uma vez superada essa surpresa, achei muito interessante reler o livro à luz dos debates que suscitou e que evidenciaram os seus limites, mas também os seus contributos. Em 1998, eu era estudante de mestrado. Depois de ter pensado em estudar economia e depois história, tinha optado recentemente pela sociologia. Era uma leitora ávida e entusiasta da obra de Pierre Bourdieu, que tentei utilizar nos meus dois primeiros estudos, um sobre estudantes muçulmanas que usavam véu na universidade e outro sobre as escolas de formação de militantes do Partido Comunista Francês. Nessa altura, a sociologia em França estava marcada por fortes divisões teóricas e políticas. Bourdieu encarnava a vanguarda nestes dois aspetos, distanciando-se de autores/as empenhados/as na análise da mudança social, próximos/as da esquerda reformista, mas também de certos/as autores/as marxistas,

¹ Traduzido do original em língua francesa por Virgílio Borges Pereira.

próximos/as do Partido Comunista. Como muitas outras pessoas, li este livro como um texto sociológico e politicamente ousado. Quando o reli na íntegra, pela primeira vez em 25 anos, com mais experiência de prática sociológica e de ensino, com um melhor conhecimento (ainda que parcial) da obra de Bourdieu e da sociologia do género, e num contexto político muito diferente, achei o livro lacunar em termos científicos e paradoxal em termos políticos. Depois apercebi-me da intensidade das controvérsias que gerou e do interesse sociológico desses debates. A riqueza dessas controvérsias mostra que esta é uma obra que continua a ser estimulante para pensar a socialização do género e analisar a articulação das relações de dominação.

Mais do que um comentário ao livro, oferecerei, portanto, alguns elementos contextuais sobre a sua publicação e a sua primeira receção em França; em seguida, darei conta de algumas das leituras críticas e dos debates que suscitou; para terminar com algumas ideias sobre os contributos contemporâneos deste texto.

Contextualização da publicação da obra e da sua receção imediata em França

Em 1998, em França, Pierre Bourdieu era provavelmente a figura mais central da sociologia académica, mas também do campo intelectual. Era um académico consagrado, professor no Collège de France desde 1981 e diretor de estudos na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), duas instituições de grande prestígio nas ciências sociais em França e no estrangeiro. Depois de se ter mantido afastado das intervenções de intelectuais academicamente consagrados/as nos meios de comunicação social e na cena política, assumiu ele próprio uma posição pública, pondo o seu capital simbólico e os seus recursos institucionais ao serviço de causas políticas, tanto a título individual como em quadros coletivos, como a *Association de réflexion sur les enseignements supérieurs et la recherche* (ARESER), criada em 1992, e o *Comité international de soutien aux intellectuels algériens* (CISIA). Participou igualmente na publicação de obras destinadas a um público não académico, tendo coordenado, em 1993, o livro *La misère du monde*, que atingiu um público muito vasto. Tornou-se ainda mais visível durante a agitação social de novembro e dezembro de 1995, quando se registaram greves e manifestações em grande escala contra um projeto de reforma do sistema de pensões. Interveio como intelectual em apoio dos grevistas, opondo-se a outros intelectuais que apoiavam a reforma. Os seus discursos foram muito fortes, o

que é particularmente verdadeiro dada a ausência deste tipo de intervenção no contexto das recentes mobilizações sociais em França.

Publicado neste contexto, *A Dominação Masculina* tem um estatuto ambivalente. É um livro de grande formato, publicado pelas éditions du Seuil, numa coleção fundada e dirigida por Bourdieu, que acolhe as suas principais obras desde o início dos anos 1990, e é um livro que defende uma posição teórica. Não é publicado na coleção de pequeno formato das novas edições militantes e independentes Liber-Raisons d'agir, onde se encontram as suas obras de intervenção pública. É, no entanto, uma pequena obra que releva da intervenção pública, na sua vontade de defender uma causa e na sua relação descontraída com os padrões académicos. O sucesso foi muito rápido. Só em 1998 foram vendidos 70.000 exemplares.² O livro foi objeto de uma vasta crítica na imprensa e de um debate nos meios de comunicação social. O livro foi saudado como um contributo importante para a causa das mulheres e dos homossexuais, num contexto de debates sobre o reconhecimento legal das uniões entre pessoas do mesmo sexo e a introdução de leis para promover o acesso das mulheres a posições de poder político. O livro inspirou um filme em 2009,³ foi adaptado para o teatro⁴ e a expressão dominação masculina foi popularizada durante muito tempo. O livro foi publicado em livro de bolso em 2014 e continua a ser lido.

Mas, ao mesmo tempo, em termos académicos, o livro foi muito criticado – já voltaremos a esse assunto – e é relativamente pouco citado pelos/as sociólogos/as em França atualmente, apesar de Bourdieu continuar a ser um autor central e de as críticas que lhe são feitas serem muito menos agudas. A partir de 1998, surgiram várias publicações importantes na sociologia do género e *A Dominação Masculina* não é uma obra de referência no ensino desta área. Quando Bourdieu é mencionado nestas obras, o que é muito frequente, não é este livro, mas outras obras e artigos que são mais citados, como os seus textos sobre a casa cabila, os seus inquéritos sobre o Béarn, os seus textos teóricos como *Le Sens pratique*, ou *A Distinção*. É, portanto, um trabalho à parte na obra de Bourdieu e na receção académica da sua escrita. Por isso, apresentarei aqui algumas das leituras críticas que foram feitas da obra, pois elas abrem uma discussão científica muito rica.

² Valor divulgado pelo editor na altura.

³ Documentário intitulado *La domination masculine*, realizado por Patric Jean.

⁴ Ver nomeadamente a adaptação para teatro de excertos da obra assim como os textos de Tassadit Yacine realizada por Virgine Aimone e Jérémy Beschon e apresentada pela Compagnie Manifeste Rien em 2018.

Leituras críticas do livro por sociólogas e historiadoras feministas

Quando reli o livro para preparar este colóquio, fiquei inicialmente impressionada e um pouco perturbada com as limitações da obra, que não tinha percebido de todo em 1998. Comecei por elencar algumas das críticas que me tinham surgido ao ler o livro, que são de vária ordem e que posso referir de forma não exaustiva: o livro baseia-se em material empírico muito limitado; baseia-se em leituras muito incompletas das obras que cita, sendo que muitas obras importantes não são citadas; propõe uma leitura fixa e quase an-histórica das relações de dominação analisadas; desenvolve uma análise da dominação que não deixa espaço para o seu questionamento ou mesmo para a sua plena compreensão por parte das mulheres; dá um lugar central à violência simbólica que obscurece as dimensões materiais da dominação masculina. Mas ler o livro com os olhos de 2023 é problemático porque a sociologia e, em particular, a sociologia do género e da dominação sofreram uma grande transformação e porque esta obra e a sua receção, muito mais do que outras obras de Bourdieu, estão muito enraizadas num contexto. Durante os anos 1990, o campo dos estudos sobre as mulheres, dos estudos femininos, dos estudos feministas, dos estudos de género ou dos estudos sobre as relações sociais de género, de acordo com as diferentes abordagens então utilizadas em França, estava em vias de se estabelecer e de obter um reconhecimento institucional e académico, após várias décadas de marginalização e desqualificação (Lagrange, 1990). Este campo emergente é muito ativo cientificamente e multidisciplinar; é atravessado por fortes clivagens teóricas e políticas, mas é também unificado por vários empreendimentos coletivos, concorrentes e aliados, de institucionalização e legitimação em torno de cursos de formação, centros de investigação, colóquios, obras, revistas, editoras, etc. Caracteriza-se por um intenso debate científico e político. O trabalho de Bourdieu foi imediatamente discutido. Por isso, pensei que seria útil mergulhar nas discussões do livro realizadas por estas investigadoras, quase todas mulheres, especialistas de longa data nas mulheres, na análise das relações sociais entre os sexos, ou no género, e que se definem ou são vistas como feministas. Limitei-me às publicações académicas das ciências sociais e à França. É impressionante constatar que estas discussões foram muito rigorosas e precisas: as investigadoras leram o livro à lupa, linha a linha, nota a nota.

A maioria destas investigadoras sublinha e reconhece que o livro contribuiu para o reconhecimento do trabalho das ciências sociais sobre as mulheres, o género ou as relações sociais de género, num contexto em que estes domínios têm ainda pouca legitimidade. Bourdieu colocou a sua legitimidade académica e a sua visibilidade mediática ao serviço desta causa científica e política. Mas elas denunciam amplamente o facto de ele se ter colocado ao serviço desta causa exercendo uma forma de dominação masculina, e de ter assim obtido, como homem e como indivíduo, benefícios que são negados às mulheres que trabalham coletivamente para fazer emergir este campo de investigação. Estas leituras foram um pouco diferenciadas segundo as disciplinas, e seria necessário aperfeiçoar este panorama para as refletir (ver, entre outras, as controvérsias e recensões críticas publicadas nas revistas: *Les Temps modernes*, n.º 604, 1999; *Travail, genre et sociétés*, n.º 1, 1999; *Clio*, n.º 12, 2000). As historiadoras foram particularmente críticas, porque o livro de Bourdieu revela que ele desconhece ou omite os trabalhos de história que tratam exatamente das questões que ele diz deverem ser estudadas, em particular o papel das instituições e do Estado na reprodução da dominação masculina. Criticam também a sua abordagem da historicidade, uma vez que descreve esta dominação como imutável. É o caso, por exemplo, de Michèle Perrot, historiadora pioneira e codiretora, com Georges Duby, de *Histoire des femmes en Occident*, uma magistral publicação em 5 volumes, editada em 1991. Os antropólogos, cujo trabalho é paradoxalmente pouco utilizado no livro de Bourdieu, também o discutiram menos. Foram bastante genéricos, como no caso de Françoise Héritier, uma antropóloga que, tal como Bourdieu, é professora no Collège de France e autora de *Masculin/féminin*, publicado em 1996, uma obra que é hoje um clássico e que nem sequer é citada no livro. As sociólogas são também muito críticas, mas muitas vezes com mais *nuances*, e são elas que estão mais envolvidas nas discussões teóricas do livro sobre a interiorização da dominação masculina, a permanência ou a mudança das formas de dominação masculina, as ligações com a noção de *habitus* ou a teoria dos campos. Depois de ler alguns dos muitos textos que apareceram pouco tempo depois da publicação do livro, encontrei vários textos mais recentes que perspetivam a receção do livro durante um período um pouco mais longo, e selecionei textos de duas sociólogas cujas críticas me parecem particularmente construtivas e úteis para reconsiderar as contribuições do livro hoje. Uma delas é crítica da sociologia de Bourdieu, enquanto a outra reivindicava-se dela.

O primeiro é um texto de 2010 de Anne-Marie Devreux (Devreux, 2010). Ela é uma socióloga materialista feminista que sempre foi crítica de Bourdieu, embora conheça bem a sua obra. E foi membro do CSU, o meu centro de investigação atual, um centro muito influenciado pela sociologia de Bourdieu, mas também aberto à sua crítica por sociólogos/as marxistas ou por feministas materialistas. Nos anos 1980, realizou uma investigação sobre a interiorização dos papéis de género no exército e em casais com dupla atividade. Depois, analisou os preconceitos de género nas ciências ditas exatas e depois nas ciências sociais (Devreux, 2010, 2014). Em seguida, basear-me-ei em dois textos de uma outra socióloga, Rose-Marie Lagrave, que foi próxima de Bourdieu na EHESS e que sempre manifestou a sua dívida intelectual e a sua amizade para com ele. Tal como Anne-Marie Devreux, foi uma das impulsionadoras da institucionalização dos estudos de género em França. Podemos mencionar os seus trabalhos sobre as mulheres agricultoras (Lagrave, 1987) e, mais recentemente, a sua autobiografia sociológica na qual se define como uma trânsfuga de classe feminista (Lagrave, 2021). Escreveu dois textos sobre a dominação masculina, um em 2003 (Lagrave, 2003) e outro em 2018 (Lagrave, 2018).

Anne-Marie Devreux apresenta uma síntese de um certo número de críticas feministas ao livro, enquanto oferece uma perspetiva mais ampla da obra de Bourdieu. A autora inclui na sua análise a receção desta obra na sociologia inglesa, que conhece bem; em particular, prefaciou a tradução francesa de *Formations of Class and Gender*, de Beverly Skeggs, livro de 1997, publicado em francês com o título *Des femmes respectables* (2015). A leitura de Anne-Marie Devreux centra-se naquilo que considera ser um impasse em que Bourdieu se encurralou, impedindo-o de analisar as dinâmicas das relações de dominação de género, apesar de a sua investigação lhe ter permitido fazê-lo. Na sua opinião, tal deve-se ao seu quadro teórico, centrado na análise da reprodução social e da violência simbólica, e ao seu distanciamento dos estudos feministas e de género, cujos contributos epistemológicos e empíricos não consegue apreender.

Ela começa por assinalar um certo número de incoerências na obra de Bourdieu, mostrando que ele se interessou pelas relações de género desde muito cedo, mas minimizando o seu carácter estrutural nas relações de dominação e nas suas transformações. A autora começa por regressar aos estudos de Bourdieu sobre o Béarn. Bourdieu atribui um lugar central às alianças matrimoniais e às relações entre mulheres e homens; descreve a forma como as mulheres escapam à condição camponesa e às formas tradicionais de dominação masculina, evitando o casamento na sua aldeia e recorrendo a homens da vila mercantil ou mesmo da cidade. Mas este aspeto é secundário

na análise, uma vez que as mulheres parecem ser mais recetáculos de novas normas do que passíveis de estratégias. A análise centra-se na permanência das formas de honra social encarnadas pelos agricultores solteiros. Ela retoma depois os trabalhos sobre o sistema escolar, as elites e o campo do poder, nomeadamente os que se baseiam em dados estatísticos, sublinhando que Bourdieu tomou desde cedo em consideração o género como variável, revelando numerosas desigualdades entre homens e mulheres, mas sem colocar esses resultados no centro das suas análises, e mesmo, por vezes, apagando-os. A autora salienta que Bourdieu pertenceu a uma geração que se formou principalmente na análise das classes sociais como principal determinante das práticas e disposições, e cita vários testemunhos de sociólogos/as que trabalharam com Bourdieu, os quais atestam que as análises de classe tiveram precedência sobre as análises das desigualdades de género. Monique de Saint-Martin (in Encrevé & Lagrave, 2003), por exemplo, conta como, numa análise estatística de estudantes, o peso do género foi tão grande que relativizou o efeito da origem social e a variável foi retirada.

Anne-Marie Devreux apresenta em seguida uma síntese de várias críticas feministas à incapacidade de Bourdieu de dar um lugar efetivo à análise das relações de género na sua análise global das relações sociais e, sobretudo, de perceber a sua evolução, incluindo nos trabalhos que lhes são dedicados. Esta crítica centra-se sobretudo no facto de a dominação masculina aparecer no livro sobretudo como uma dominação simbólica, que atua negando essa relação de poder, mantendo uma “submissão encantada” a essa dominação e, mais ainda, uma incapacidade dos dominados de compreenderem a sua situação de dominados por não disporem de “instrumentos de conhecimento” do mundo social que não sejam os do dominante. Ora, e este primeiro ponto está em consonância com as críticas dos historiadores, os trabalhos de investigação feminista produziram durante muito tempo instrumentos teóricos e epistemológicos para pensar a condição dominada das mulheres, mas também para a desvendar; produziram igualmente conhecimentos sobre a história e as formas de dominação masculina; estes trabalhos são em grande parte ignorados por Bourdieu, que não os cita ou cita-os apenas em pontos secundários. De seguida, vários estudos demonstraram que as mulheres têm a capacidade de analisar a sua própria situação e de inverter as normas, e que estas normas são transformadas desta forma, mesmo que não sejam contestadas frontalmente. Anne-Marie Devreux cita um estudo antropológico sobre as relações de género na Cabília que, por um lado, sublinha as mudanças nas relações sociais neste contexto e, por outro, testemunha a reflexividade das mulheres a este respeito

e a sua relação distanciada e crítica com as normas de gênero (Lacoste-Dujardin, 2008). Em terceiro lugar, critica-se o facto de Bourdieu negligenciar as dimensões materiais da dominação masculina e da violência de gênero, sejam elas físicas ou económicas, ou os processos de socialização e incorporação; embora a obra de Bourdieu se afirme como uma análise materialista, não a aplica. Por último, algumas autoras feministas têm assinalado que a forma como a experiência masculina de dominação é abordada, apresentada por Bourdieu como um “fardo” para os homens e no centro de uma competição entre homens pelo capital simbólico, significa que esta forma de dominação é vista como uma relação de dominação entre homens da qual as mulheres estão, por definição, excluídas, e não como uma relação totalmente relacional de dominação de gênero.

Esta leitura de Anne-Marie Devreux, que é ao mesmo tempo uma síntese de várias análises feministas críticas de Bourdieu e uma apresentação da sua própria leitura, é em parte uma crítica geral da teoria bourdieusiana como incapaz de “ir além de uma conceção da reprodução social fixada pelo *habitus*”, que eu não partilho. Paradoxalmente, no entanto, destaca, de uma forma bastante original, a existência de elementos empíricos e teóricos antigos e inovadores sobre as relações de gênero na obra de Bourdieu que poderiam ser retomados e relidos.

A leitura proposta por Rose-Marie Lagrave é, em certos aspetos, oposta à de Anne-Marie Devreux. Ela própria utiliza no seu trabalho o quadro teórico de Pierre Bourdieu, com quem sente uma afinidade intelectual e pessoal. Por isso, num primeiro texto (in Encrevé & Lagrave, 2003), descreve a sua primeira leitura “encantada” desta obra. No entanto, na sequência do texto de 2003, e sobretudo num segundo texto, muito mais recente (Lagrave, 2018), apresenta uma leitura crítica e “desencantada” da obra, na qual aponta o que considera inconsistências teóricas e insuficiências empíricas em relação ao próprio quadro sociológico de Bourdieu.

Começa por descrever o efeito poderoso que o livro de 1998 teve sobre ela. Com uma formação em sociologia feminista e em sociologia bourdieusiana, ela conta o seu contentamento ao ver Bourdieu aplicar as suas ferramentas teóricas à análise da socialização diferencial dos sexos e das disposições de gênero, e estabelece um paralelo com a sua leitura encantada dos trabalhos de Bourdieu sobre os percursos dos trânsfugas de classe. Rose-Marie Lagrave testemunha também os processos de desvelamento e identificação que o livro provoca nos seus leitores aquando da sua publicação e o efeito libertador desta análise da experiência subjetiva da dominação para muitas mulheres, citando os discursos proferidos em conferências públicas e as cartas que Bourdieu recebeu. Por fim,

considera que, no contexto intelectual e político em que foi publicado, o livro também contribuiu muito para reforçar as lutas feministas e a sua importância. No entanto, a partir de 2003, propõe também uma leitura mais crítica, que em parte ecoa as críticas apresentadas por Anne-Marie Devreux relativamente à posição de Bourdieu sobre a investigação sobre as mulheres e o género, mas que também fornece elementos de discussão teórica que se inscrevem mais numa crítica interna à sociologia bourdieusiana do que numa crítica à própria teoria. A autora utiliza os instrumentos da sociologia de Bourdieu para discutir o seu trabalho de duas formas.

Em primeiro lugar, ela demonstra que, seguindo a análise que o próprio Bourdieu propõe no seu livro, este livro é sobre o exercício da dominação masculina no campo científico. De facto, contrariamente à abordagem sociológica de autoanálise que sempre enunciou e defendeu, Bourdieu não analisou os efeitos da sua própria posição dominante no campo científico e nas relações de género, e negou os efeitos desta posição duplamente dominante na escrita e receção deste livro. Ao ignorar o trabalho de investigadoras feministas, situadas numa área dominada do campo académico, deslegitimou em parte esse trabalho, que parecia inexistente ou insignificante, quer empiricamente, quer teoricamente, numa altura em que as investigadoras feministas estavam a desenvolver um intenso trabalho científico e institucional de reconhecimento, embora ele conhecesse o seu trabalho e as questões em causa. Ao ignorar os contributos destes trabalhos de história, de antropologia e de sociologia para a compreensão das variações da dominação masculina e das suas variações históricas e espaciais, bem como das condições em que esta dominação pode ser contestada, Bourdieu enfraqueceu também fortemente a sua análise. Finalmente, ao não analisar as questões em jogo no campo dos estudos feministas e na arena política da época, apesar de estar rodeado de investigadoras que tinham efetuado esta análise, Bourdieu ignorou as questões políticas do momento nas suas posições.

Rose-Marie Lagrave lamenta igualmente os limites da análise da dominação masculina nas outras obras de Bourdieu, apesar de as expectativas serem elevadas a este respeito e de o próprio Bourdieu as ter antecipado, como atesta a frase inicial: “Provavelmente não teria abordado um tema tão difícil se não tivesse sido conduzido pela lógica da minha investigação”. Numa abordagem semelhante à de Anne-Marie Devreux, a autora regressa a várias obras de Bourdieu para sublinhar que, apesar desta intenção declarada, ele nunca foi até ao fim na integração das relações de género na análise do espaço social ou de campos específicos, particularmente em inquéritos baseados em dados

estatísticos. No entanto, escreve ela, “quem melhor do que Bourdieu poderia combinar os efeitos destas diferentes formas de dominação, incluindo a estatística?” No entanto, Bourdieu encara a articulação das dominações a partir de uma representação analógica, e não as construindo como “relações sociais consubstanciais”, ainda que o seu quadro relacional de análise permita pensar essa articulação. Na sequência deste último ponto do texto de Rose-Marie Lagrave, gostaria de voltar aos contributos ou incitamentos fortes do livro, para além das suas limitações.

Uma incitação para efetuar uma análise do espaço social que articula as relações sociais

Ao reler este livro, fiquei impressionada com a sua originalidade no contexto das ciências sociais francesas do final dos anos 1990. Desde o início, liga a questão da dominação do género à da sexualidade, ainda pouco estudada pelas ciências sociais em França, e às relações raciais, muito antes de esta noção ser discutida no domínio das ciências sociais neste país. É também um prolongamento do dossier “Masculin/féminin”, um dossier em duas partes (números 83 e 84) da revista *Actes de la recherche en sciences sociales* que foi particularmente inovador em França, em 1990, através de traduções de obras em língua inglesa e da publicação de inquéritos originais, e que continua a ser um dossier de referência (Bourdieu, 1990). Inclui, por exemplo, um artigo de Joan W. Scott, historiadora pioneira na utilização da noção de género como instrumento de desnaturalização e objetivação das relações de poder, e um artigo de Judith Rollins que aborda a tripla dominação de género, classe e raça sofrida pelas trabalhadoras domésticas. Em 1998, quase 10 anos depois deste dossier, a obra é menos inovadora, mas continua a ser um texto importante e poderoso em pelo menos dois aspetos.

Em primeiro lugar, Bourdieu mobiliza as noções centrais da sua teoria, nomeadamente a incorporação de disposições através da noção de *habitus*, ou a somatização das relações de dominação, temas que são desenvolvidos ao longo do livro, mas particularmente no primeiro capítulo. Aqui encontramos a força das análises desenvolvidas em *Esquisse d'une théorie de la pratique* e retrabalhadas ao longo da sua obra. Apoiando-se não só na sua própria obra, mas também em numerosas leituras, mais ou menos citadas, como já dissemos, analisa a força dos processos de socialização de género que conduzem à

interiorização daquilo a que chama o inconsciente androcêntrico, e à naturalização de uma ordem social construída e constantemente reconstruída e reproduzida por um conjunto de instituições e profundamente inscrita nos corpos. As suas análises sobre a interiorização de diferentes vocações por homens e mulheres, de diferentes disposições para ocupar o espaço público ou posições de poder, são sempre muito convincentes. As análises propostas por Bourdieu neste livro não são novas em termos de resultados, mas adquirem uma nova força em virtude da sua ligação teórica a uma teoria disposicional mais geral, que continua a ser muito relevante.

Em segundo lugar, como assinalam Anne-Marie Devreux e Rose-Marie Lagrave nas suas recensões críticas, as investigações de Bourdieu abrem caminho a uma verdadeira consideração do género ou do sexo combinados com a classe, a raça e outras relações sociais nas suas análises, mas ele não o fez completamente. Esta constatação pode ser extraída de numerosas passagens do livro e de outras obras de Bourdieu, como *La Distinction*. No contexto do desenvolvimento de análises que se autodenominam interseccionais, ou de trabalhos que procuram analisar a forma como diferentes relações sociais se combinam e se reforçam mutuamente ou não, é proveitoso reler estas críticas e a obra de Bourdieu sob este ângulo. A análise relacional do espaço social de Bourdieu centra-se na classe social, mas não se limita a ela. Podemos citar a célebre passagem de *La Distinction* (1979, pp. 119-120) utilizando a metáfora do limão:

As propriedades do sexo são tão inseparáveis das propriedades da classe como o amarelo do limão é inseparável da sua acidez: uma classe define-se no seu aspeto mais essencial pelo lugar e pelo valor que atribui aos dois sexos e às suas disposições socialmente constituídas. É por isso que há tantas formas de realizar a feminilidade como há classes e frações de classe, e que a divisão do trabalho entre os sexos assume formas completamente diferentes, tanto nas práticas como nas representações, no seio de diferentes classes sociais.

Esta passagem pode ser lida como uma secundarização do género em relação à classe, mas também pode ser lida como um incitamento à articulação plena das duas dimensões, invertendo a proposição: as propriedades da classe

são indissociáveis das propriedades do gênero. Várias passagens e notas em *A Dominação Masculina* convidam-nos a fazer isto, mesmo que tal permaneça rápido e pouco fundamentado.

Este é um programa de trabalho que já está a ser desenvolvido por várias investigações, por exemplo, em dois livros recentes: *Le genre du capital. Comment la famille reproduit les inégalités*, de Céline Bessière e Sibylle Gollac (2020), que mostra como as desigualdades do capital económico aumentam não só a dominação de gênero, mas também, de forma inseparável, a dominação de classe, e *Transfuges de sexe, passer les frontières du genre*, de Emmanuel Beaubatie (2021), que propõe uma construção do espaço social do gênero articulando relações sociais de sexo, classe e sexualidade. *A Dominação Masculina* incita-nos a prosseguir este programa de investigação crucial para as ciências sociais contemporâneas, tanto pelas análises poderosas que formula como pelas frustrações igualmente poderosas que provoca.

Referências bibliográficas

Auslander, L., & Zancarini-Fournel, M. (Ed.) (2000). Le genre de la nation. *Clio: femmes, genre, histoire*, 12.

Beaubatie E. (2021). *Transfuges de sexe. Passer les frontières du genre*. Paris: La Découverte.

Bessière, C., & Gollac, S. (2020). *Le genre du capital. Comment la famille reproduit les inégalités*. Paris: La Découverte (*The gender of capital: how families perpetuate wealth inequality* (2023). Traduzido por Juliette Rogers, Cambridge: Harvard University Press.

Bourdieu, P. (1979). *La Distinction : critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.

Bourdieu, P. (Ed.) (1990). Masculin/Féminin. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 83-84.

Chabaud, D., Descoutures, V., Devreux, A.-M., Varikas, E. (dir.) (2010). *Sous les sciences sociales le genre. Relectures critiques de Max Weber à Bruno Latour*. Paris: La Découverte. (Traduzido em português (Brasil) (2014), *O gênero nas Ciências Sociais*. São Paulo: Editora UNESP).

Devreux, A.-M. (2010). Pierre Bourdieu et les rapports entre les sexes : une lucidité aveuglée in *Sous les sciences sociales, le genre. Relectures critiques de Max Weber à Bruno Latour* (pp. 77-93). Paris: La Découverte.

Devreux, A.-M. (2015). La valeur des femmes. Préface au livre de Beverley Skeggs, *Des femmes respectables. Classe et genre en milieu populaire*, Marseille, Agone. 7-32. (Tradução de *Formation of class and gender. Becoming respectable*, London: Sage, 1997).

Devreux, A.-M. (coord.) (2016). *Les sciences et le genre: déjouer l'androcentrisme*. Rennes: Presses universitaires de Rennes.

Duby, G., Perrot M. (dir.) (1991-1992). *Histoire des femmes en Occident*. 5 tomes. Paris: Plon.

- Groupe de recherche MAGE [Marché du travail et genre, CNRS] (Ed.) (1999). Controverses. Autour du livre de Pierre Bourdieu *La Domination masculine. Travail, Genre et Sociétés*, 1.
- Héritier, F. (1996), *Masculin/féminin. La pensée de la différence*. Paris: Odile Jacob.
- Lacoste-Dujardin, C. (2008), *La Vaillance des femmes. Les relations entre femmes et hommes berbères de Kabylie*. Paris: La Découverte.
- Lagrange, R.-M. (1987). *Celles de la Terre. Agricultrices, l'invention politique d'un métier*. Paris: Editions de l'EHESS.
- Lagrange, R.-M. (1990). Recherches féministes ou recherches sur les femmes ? *Actes de la recherche en sciences sociales*, 83, 27-39.
- Lagrange, R.-M. (2003). La lucidité des dominées. In P. Encrevé, & R.-M. Lagrange, *Travailler avec Bourdieu* (pp. 311-321). Paris: Flammarion.
- Lagrange, R.-M. (2018). La domination masculine encore. *Regards sociologiques*, 47-48, 133-143.
- Lagrange, R.-M. (2021). *Se ressaisir. Enquête autobiographique d'une transfuge de classe féministe*. Paris: La Découverte.
- Lagrange, R.-M., Encrevé, P. (dir.) (2003). *Travailler avec Bourdieu*. Paris: Flammarion.
- Lanzmann, C. (Ed.). (1999). Sur *La Domination masculine* : réponses à Pierre Bourdieu. *Les Temps modernes*, 604.

